

em flor, com a madona, símbolo da riqueza do sentimento e da *anima* criadora na sua expressão mais alta, a sabedoria. Deve agora se dedicar ao desenvolvimento deste seu aspecto.

As três imagens que se seguem fazem parte de uma série de visões psicológicas de uma mulher de cinquenta anos. Ela vê uma catedral resplandecente. Pouco depois, a catedral está em chamas e vai ser logo mais totalmente destruída. E' noite e tudo ruína. O tempo passa e a vegetação natural invade as ruínas. No centro cresce uma árvore que se transforma em magnífico pinheiro. Sobre seus ramos se acendem velas e tudo é iluminado. Quando as velas se apagam, aparecem em volta da árvore pequenas cruces. As cruces crescem e depois desaparecem na terra. Ela pergunta por que as cruces eram pretas e a resposta é que é necessário crucificar a sombra. Em seguida os pássaros fazem ninhos sobre os ramos e subitamente voam para trazer uma cesta de flores com as quais a árvore vai ser decorada. E' a primavera.

A respeito desta visão, poderíamos propor o seguinte pequeno comentário. A bela catedral é um símbolo de uma espiritualidade dos tempos passados, ainda que pertencesse ao estado de alma de nossa sonhadora. Mas, quaisquer que fossem os elevados valores espirituais e estéticos dos quais testemunharam as catedrais, este tipo de espiritualidade não corresponde mais às exigências espirituais do homem moderno. Por isso o edifício, esta esplêndida construção religiosa, é destruído e deixado em ruínas. E' destas ruínas, no meio da noite e do centro, que cresce um pinheiro. O pinheiro é um rico símbolo que exprime o poder vital da natureza e da vida vegetativa, da imortalidade. O pinheiro com suas velas faz alusão muito claramente ao pinheiro de Natal, ao solstício de inverno, à luz, à nova vida, ao novo nascimento no meio da noite, da confusão e do desmoronamento. A seqüência da imagem nos diz quanto este novo desenvolvimento deve também levar em conta, a uma só vez, a parte tenebrosa da vida humana (as cruces negras) e, principalmente, a vida dos sentimentos, do Eros, no sentido mais amplo do termo (pássaros-flores). Já nesta visão está claramente desenhado o desenvolvimento ulterior desta mulher.

E' do centro-árvore que pode emergir a vida nova, esta muito mais próxima da terra, e também uma nova visão do mundo. Em seguida nos foi dado observar quanto esta mulher realizou na sua vida cotidiana a mensagem dos seus sonhos. A visão exerceu uma influência profunda sobre sua vida, ainda que, como todo ser humano, ela não estivesse disposta a submeter-se ao fogo da purificação e realizar uma tal transformação. Depois de alguma resistência, sentiu que não podia fugir disto.

Deu logo uma amplitude considerável à sua personalidade.

Muitas manifestações do inconsciente coletivo, principalmente os grandes sonhos ou visões psicológicas, exprimem não só a problemática pessoal do sonhador, mas também a da coletividade e a da época na qual o sonhador vive.

Nossas observações das manifestações do inconsciente nos permitem pensar que este sonho dá testemunho de uma problemática típica de nossa época e do mundo cristão atual. O começo do sonho, a destruição da catedral, confirma, em um nível pessoal e psicológico, o que nós todos podemos constatar no nível coletivo e social: desmoronamento do mundo cristão e da sua doutrina. Os deuses e as deusas da natureza que eram venerados nos templos pagãos e sobre os quais foram construídas nossas belas catedrais não estão mortos. No nível da psicologia do inconsciente, como no nível da vida social, tudo nos indica que eles exigem de novo seu direito de viver. Qualquer que seja a capacidade de recalque do eu e das forças sociais, eles se impõem progressivamente na vida do homem. Em lugar de se deixar possuir por eles e ser apanhado, contra sua própria vontade, por uma ideologia coletiva qualquer,<sup>206</sup> parece-nos ser um dever do homem moderno desenterrar conscientemente estes deuses, isto é, estas potências arquetípicas que dormitam em nossa alma e, de acordo com as exigências de cada um, cristianizá-las em um mito que esteja a serviço de um maior desenvolvimento do homem individual e da humanidade.

<sup>206</sup> Jung, C.G. *Aspects du drame contemporain*. Genebra - Paris, Ed. Georg et Buchet-Chastel, 1948.